

A REVOLUÇÃO TEM ROSTO FEMININO

Elas estão redesenhando o futuro, a partir das próprias linhas e crenças. Das dores individuais, fazem lutas coletivas. No Dia Internacional da Mulher, mostram a importância de serem vozes ativas

POR EDUARDO FERNANDES

Ser mulher é já nascer pertencente a uma causa. Hastear uma bandeira no mastro mais alto da própria vida e fazer disso sua motivação. Por contextos históricos e socioculturais, elas sempre estiveram nessa linha de frente do cuidado, sobretudo dentro de casa. Contidas nas quatro paredes da rotina doméstica, o mundo é pouco perto do que, há muito tempo, continuam almejando. Nas diferentes áreas do ativismo, o público feminino se faz presente com voz ativa. Entre dores e propósitos, não conhecem a palavra desistir.

Angela Davis, Rupi Kaur, Simone de Beauvoir e Maria da Penha. Tantas são as mulheres, com faces e histórias distintas, que se propuseram a guerrear na linha de frente dessa tão complexa batalha que é a vida. Entre as conhecidas e as anônimas, uma coisa em comum: a labuta diária, mas o apreço pela con-

quista. Em 2016, a advogada Josy Veiga, 44 anos, descobriu, com 25 semanas de gestação, que o filho poderia nascer com alguma deficiência, que à época não foi especificada.

Após o nascimento, o fato se confirmou. "Por ser uma síndrome rara, meu pequeno Murilo esteve comigo por apenas 48 horas. Naquele momento, eu me vi em um lugar de absoluta vulnerabilidade e desinformação", lembra. A maternidade, ao contrário do que muitos pensam, não começa somente no momento em que o bebê é segurado no colo. Inicia-se no desejo, naquele sonho guardado no coração que, logo em seguida, vê-se florescendo dentro do próprio corpo.

Embora pareça que a maternidade foi um período curto da história de Josy, é nessa perda que ela, de

uma forma diferente, optou por continuar sendo mãe. "Não sabia o que era ser uma mãe atípica. Não compreendia os direitos envolvidos, tampouco encontrei suporte estatal adequado. Foi nessa dor, e por meio da minha profissão, que nasceu a decisão de transformar minha experiência em propósito", destaca.

Em 2023, iniciou a especialização técnica na área, estruturando a atuação profissional voltada para defender, com base jurídica e propriedade, aquilo que antes precisava aprender sozinha. A advogada, hoje, atua na defesa das pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) e demais pessoas neurodivergentes. Josy, atualmente, é membro da Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa com TEA, da OAB — subseção Samambaia.

